

## Parte II - A descrição densa

### 3 - O programa da descrição densa

Ana Carolina Biscalquini Talamoni

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TALAMONI, ACB. O programa da descrição densa. In: *Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 53-66. ISBN 978-85-68334-43-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### 3

## O PROGRAMA DA DESCRIÇÃO DENSA

O método de observação e as análises interpretativas dos conteúdos observados ao longo das aulas de Anatomia, conforme proposto por Clifford Geertz (1978), constituiu-se em um dos eixos específicos de desenvolvimento da pesquisa de doutoramento que deu origem a este livro. A proposta da referida pesquisa foi, *a priori*, realizar uma investigação de cunho etnológico aplicada à Educação e, mais especificamente, ao ensino superior. Nesse encaminhamento, e como supramencionado, é parte dos objetivos desta obra contemplar tanto os aspectos teórico-metodológicos utilizados como apresentar uma descrição densa das aulas de Anatomia Geral e Humana ministradas a uma turma de segundo ano de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Com isso, visa-se instruir o leitor tanto com relação ao Programa da Descrição Densa e sua pertinência nas investigações qualitativas em Educação quanto apresentar os resultados de pesquisa, redigidos através da própria descrição densa, ampliando assim a compreensão da dinâmica, das relações interpessoais e das contingências materiais, psicológicas e emocionais implicadas no processo de ensino e aprendizagem da anatomia humana. Neste capítulo, portanto, abordar-se-á a questão metodológica para, mais adiante, apresentar-se o resultado de sua aplicação em pesquisa.

Entende-se por descrição densa o método de observação criado por Clifford Geertz (1978), que objetiva proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada, que necessita primeiramente ser apreendida para depois ser apresentada. É importante destacar que inúmeras críticas têm como alvo Geertz pelo fato de este não deixar claro alguns de seus conceitos centrais, os quais só podem ser apreendidos a partir de suas aplicações nas análises que ele realiza. Dentre esses conceitos, encontra-se a definição de estruturas significantes que, em última instância, são produzidos pelos indivíduos na interação com o mundo do qual participam. Nesses termos, cada indivíduo coopta e parcialmente reproduz os ditames históricos, sociais e culturais, mas o que garante a individualidade do sujeito é o fato de cada um deles combinar de forma relativamente autônoma os significados que lhe são apresentados pelo “mundo exterior”.

Assim, o “estar no mundo” não se confina na reprodução desse mesmo mundo. Para Geertz, viver se constitui na contínua operação de questionar, aceitar ou rejeitar o que lhe é apresentado ao incorporar uma versão em certo sentido própria e original de “realidade”, esta última construída por uma releitura particular da história e da sociedade, isto é, derivada de um rearranjo simbólico que pode ser expresso como cultura. Na ótica do indivíduo, a composição que ele realiza são suas estruturas significantes, as quais podem ser compreendidas também como os “andaimes” que suportam sua presença no mundo social e que permitem que cada um viva a sua vida. Também é a partir disso que se define a condição de cooptação e tensão que todos nós experimentamos por convivemos grupalmente.

Tal operação individual implica consequências teórico-epistemológicas que fazem os formalistas rejeitarem total ou parcialmente a importância da contribuição da Antropologia geertziana. Isso porque não só se relativiza o que pode ser entendido como realidade, mas também as falas tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Cada ser humano é, assim, arquiteto de sua própria realidade, algo subversivo a ponto de, pelo menos para alguns ana-

listas, colocar em questionamento os próprios cânones científicos, mais fáceis de serem assim observados pelo prisma histórico (Peset, 1983).

O Programa da Descrição Densa está afinado com pelo menos três ideias fundamentais elaboradas por Geertz, quais sejam, o conceito de cultura, a ideia do “estar lá” e a do pesquisador enquanto autor.

Para Geertz (1978) a cultura é o entrelaçamento de significados criados pelos próprios homens, e no qual eles mesmos se encontram implicados, submersos: “Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise” (Geertz, 1978, p.15). Investigar uma determinada cultura, seja ela a do laboratório de Anatomia para a presente obra, seja qualquer outra, implica, portanto, a compreensão desses significados, que só podem ser buscados na ação social, esta última entendida como todo comportamento dotado de significado intersubjetivo, e no contexto em que ela ocorre.

A descrição densa não tem como objetivo o diagnóstico de uma cultura ou realidade, mas, antes, “o alargamento do universo do discurso humano” (Geertz, 1978, p.24), viabilizando o diálogo entre a cultura do pesquisador e a cultura do grupo pesquisado, da qual fazem parte, neste livro, o ambiente do laboratório de Anatomia e o processo de ensino e aprendizagem nele engendrado.

Outro conceito pertinente ao método da descrição densa relaciona-se à ideia do “estar lá”, ou seja, da importância da presença do cientista no local investigado, o que lhe permite, a partir de sua experiência de imersão em uma nova cultura, produzir aquilo que Geertz (2008) denominou conhecimento ou saber local. A inserção do pesquisador em determinado ambiente com o intuito de observar e compreender o mesmo constitui-se em uma ação social, ou melhor, em uma experiência, que altera em maior ou menor grau a dinâmica do local investigado, podendo gerar estranhamento e outras reações por parte dos sujeitos da pesquisa. Trata-se de uma

relação semelhante aos conceitos de transferência e contratransferência utilizados pela psicanálise.<sup>1</sup>

O fato de o curso no qual a disciplina Anatomia Geral e Humana, observada para a redação da descrição densa apresentada neste livro, possuir grades fechadas de disciplinas contribuía para que os alunos de uma mesma turma nutrissem vínculos mais duradouros entre si, criando uma identidade grupal e uma subcultura que lhes era própria, e que foi certamente desestabilizada pela simples presença do pesquisador, negando-lhe a imparcialidade e a neutralidade; ele estava lá e, portanto, sua presença foi condição e contingência de pesquisa. Acredita-se que essa condição de pesquisa seja uma constante nas pesquisas qualitativas em Educação, sendo uma exceção apenas aquelas nas quais o pesquisador investiga seus próprios pares (aqui, é possível mencionar, a título de exemplo, as propostas de pesquisas participantes realizadas por professores-pesquisadores). Neste último caso, o investigador conheceria a fundo a subcultura na qual realiza seu trabalho de pesquisa, condição esta que também traz implicações e contingências específicas, que também precisariam ser incorporadas e/ou exploradas no processo de tratamento de dados e construção de conhecimentos científicos.

Nesse sentido, uma abordagem etnológica de pesquisa baseada no método da observação e da descrição densa, para ser efetiva, deve atestar, através da própria escrita, que o observador/pesquisador conseguiu penetrar essa outra “forma de vida” que constitui a população pesquisada, enfim, que ele “esteve lá” (Geertz, 1989, p.14).

O “estar lá” constitui-se sempre em um paradoxo, pois o pesquisador é o observador e o narrador de uma determinada cultura que ele, e apenas ele, conheceu, pois sob determinadas circunstâncias que ele, e apenas ele, experienciou. Sua tarefa é *a priori* realizar

---

1 Segundo a psicanálise, a transferência é o processo mediante o qual desejos e sentimentos inconscientes são deslocados de uma pessoa a outra, ou, ainda, a outros objetos externos. A contratransferência, por sua vez, é o conjunto de reações inconscientes à transferência.

um trabalho de observação sistematizado sob a ótica da neutralidade científica, mas, ao mesmo tempo que ele deve dar provas de sua imparcialidade, tem de recorrer a sua experiência e empenha, no fato de ter estado lá, a legitimidade de seus saberes.

Nesse sentido, a autoridade do cientista decorre de sua fala, que atesta o que ele viu, e o problema que se impõe ao método é como apurar a veracidade ou realidade dos fatos descritos. Para precaver-se dessa interrogação, e em razão dos avanços tecnológicos a serviço da ciência, as pesquisas etnográficas e, sobretudo, as pesquisas em Educação têm disposto de materiais de gravação audiovisuais e feito, desse material obtido, a fonte de suas observações e coleta de dados. Acredita-se, no entanto, que esses recursos não respondem à interrogação acima, haja vista o caráter fenomenológico da descrição densa, uma vez que *“la consideración de las relaciones del antropólogo com la gente que estudia son relevantes para la natureza de sus resultados”* (Geertz, 1989, p.23). Merleau-Ponty (1996, p.3) transmite ideia semelhante ao inferir que:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou explicação.

A descrição densa mostrou-se capaz de permitir a compreensão do que ocorria no laboratório de Anatomia, devido às exigências de atenção que requeria do pesquisador para com a observação dos comportamentos e dos fluxos de comportamentos que se articulavam na forma cultural investigada. Ademais, o método, por sua influência fenomenológica, antevê que os atos de observar, descrever

e analisar são sempre construções do pesquisador, este também um representante de uma cultura específica, dotado de uma formação acadêmica, uma linguagem e de uma história de vida singular, que muitas vezes definem o seu olhar e, portanto, o recorte da realidade por ele efetuado.<sup>2</sup>

Tendo considerado a importância do “estar lá” nas pesquisas etnográficas, bem como seu caráter ambíguo, passa-se à última ideia de Geertz sobre a qual se fundamenta o Programa da Descrição Densa. Trata-se do conceito do “pesquisador como autor”.

As estratégias narrativas utilizadas pelo etnógrafo que transita entre culturas distintas foram exploradas nas análises interpretativas de Geertz (1978, 1989, 2001, 2008), cuja concepção de linguagem recebeu influência das ideias de Ryle. Gilbert Ryle foi um dos principais representantes do grupo de Oxford de Filosofia Analítica e dedicou parte de suas obras à exploração da gramática lógica. Sintetizou o programa de uma nova filosofia que buscou ultrapassar as análises linguísticas e filosóficas academicistas, vernaculares, para buscar a significação das palavras e expressões ordinárias.

A linguagem ordinária, ou seja, a linguagem do cotidiano, advém das “utilizações não canônicas de uma palavra, por exemplo, as utilizações metafóricas, hiperbólicas, poéticas, ampliadas e deliberadamente restritas” (Ryle, 1980, p.38). A utilização não canônica de uma palavra ou termo, por sua vez, deriva ou do mau entendimento ou do desconhecimento de seu significado canônico, ou, ainda, de uma tentativa, nem sempre bem-sucedida, de transcender o significado das palavras a fim de que se faça entender uma experiência ou conhecimento que a linguagem canônica não consegue expressar, descrever. Trata-se, aqui, do problema da descrição nas pesquisas qualitativas.

O programa proposto por Ryle certamente veio a ampliar as formas de descrição nas pesquisas etnográficas, o que pode ser evidenciado através dos ensaios antropológicos de Geertz (1978; 1989;

---

2 Com isso, a proposta de Geertz enfraquece a antiga divisão entre etnografia (descrição) e etnologia (análise).

1995; 2001; 2008), nos quais ele buscou favorecer outros recursos linguísticos, motivo pelo qual o antropólogo e seu Programa da Descrição Densa foram, e têm sido, alvo de sérias críticas no âmbito acadêmico (Reynoso, 1995).

No prefácio à primeira edição de *El antropólogo como autor* (1989), Geertz admite a influência da subjetividade e dos dados biográficos em seus estudos e em sua própria escrita. Afirma não acreditar no caráter ontologicamente autônomo dos textos, e considera tanto as questões históricas quanto as biográficas que perpassam suas descrições etnográficas de fundamental importância para suas análises antropológicas.

A maneira como os textos provenientes de estudos etnográficos têm sido redigidos, desde a publicação, em 1922, dos célebres textos de Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, e de Radcliffe-Brown, *As Ilhas Andaman*, passando pelos ensaios antropológicos de Lévi-Strauss, como *Tristes trópicos*, originalmente publicado em 1955, reiteravam que o papel do antropólogo era observar e descrever culturas, sobretudo as consideradas “primitivas”. Como essas culturas eram até então desconhecidas pela civilização ocidental, era incumbência das pesquisas etnográficas transcrever os fatos observados com o intuito de, a partir desses dados, oferecer uma abordagem explicativa dos comportamentos e costumes analisados. A essa tendência denominou-se funcionalismo estrutural, e depois estruturalismo, e é, sobretudo, a partir das perspectivas funcionalistas positivistas da Antropologia que as críticas a Geertz se fundamentam.

Na tentativa pouco ambiciosa de refutar as críticas à sua escrita, Geertz (1989, p.13), que nunca abriu mão do Programa da Descrição Densa, proclamava que era necessário admitir o caráter literário da descrição em pesquisas de cunho etnográfico, uma vez que a substância fatural dos registros e textos etnográficos, por si só, nem sempre era suficiente e convincente. Ou seja, a amplitude ou a minúcia de uma descrição nem sempre garantem a apreensão de uma realidade, porque o alcance dos registros etnográficos baseados em argumentos teóricos, faturalistas, estruturalistas, ou generalizantes pode não corresponder à complexidade dos fatos observados, com-



plexidade essa que só pode ser abrangida à medida que se aprofunda a descrição e sua interpretação (Geertz, 1989, p.13-4).

Assim, o que garante a veracidade do relato antropológico é justamente a capacidade do estudioso de persuadir seus leitores de que ele “esteve lá”, naquele outro mundo, com outra forma de viver e saber, o que se dá em parte pelo caráter concreto das descrições etnográficas. Porém, é Geertz (1989) quem adverte sobre a possibilidade de que dois ou mais pesquisadores tenham estado em um mesmo local, com os mesmos grupos de pessoas, e que ainda assim desenvolvam estudos e análises contraditórios. Dessa nota subtrai-se que o olhar do pesquisador é focado, sobretudo quando este se dedica a observar uma cultura distinta, e, ainda, que a realidade<sup>3</sup> observada é sempre relativa ao foco ou paradigma e, portanto, sujeita a mais de uma forma de análise e compreensão: “*Incapaces de recuperar la inmediatez del trabajo de campo para su reevaluación empírica, escuchamos determinadas voces e ignoramos otras*” (Geertz, 1989, p.15-6).

O autor, aquele que fala, importa muito nos relatos descritivos, e sua preocupação maior deve centrar-se em sua escrita, no sentido de que ela deve expressar e transmitir “em prosa” a impressão do investigador ao entrar em contato com vidas e costumes que até então ele desconhecia. Para Geertz (1989), muito se perde quando a maior atenção do autor dirige-se à pretensa neutralidade da escrita científica:

*Del mismo modo que la crítica de ficción y poesía se alimenta mucho más de un compromiso efectivo con la ficción y poesía mismas, que de nociones importadas sobre lo que ambas deberían ser, La crítica de La escritura etnográfica (que sentido amplio es tan poética como ficcional) debería nutrirse de idéntico compromiso con La escritura misma, y no de preconcepciones sobre lo que debe parecer para que se califique de ciencia.* (Geertz, 1989, p.16)

---

3 Neste trabalho assume-se que toda realidade é relativa, já que só pode ser captada através de formas culturalmente estabelecidas de representação.

A escrita do pesquisador deve evidenciar os fatos observados, o “saber local”, e nesse processo ele cria necessariamente uma identidade textual. Essa identidade textual pretende ser subsumida do processo de descrição mediante a terminologia e a linguagem científicas, e pode-se afirmar que esse é um projeto de difícil entendimento. A forma com que o autor se manifesta no texto, a maneira como constrói seu discurso, formula suas ideias e os recursos linguísticos que ele utiliza como o vocabulário, a retórica, os tipos de argumentos etc. exprimem essa identidade textual e dão indícios de sua sensibilidade e história de vida.

Como anteriormente mencionado, as ressalvas à Antropologia Interpretativa de Geertz baseiam-se em seu método, o da descrição densa, e, por conseguinte, à sua escrita, que pode ser considerada, não sem razão, como classicista. O texto de Reynoso (1995) intitulado *El lado oscuro de la description densa* compila as críticas endereçadas às análises interpretativas da cultura conforme realizadas por Geertz. Acredita-se ser importante para a proposta deste livro, ao apresentar a metodologia da descrição densa como um potencial subsídio às pesquisas qualitativas em Educação, considerar e tentar refutar essas críticas.

A primeira crítica se concentra no questionamento acerca da veracidade do conteúdo submetido à descrição densa. Baseia-se no fato de que faltam às descrições realizadas por Geertz elementos empíricos que permitam confirmar suas hipóteses e inferências, muito baseadas em seus diários de campo e nas suas próprias percepções. Ou seja, questiona-se até que ponto as suas descrições correspondem à realidade. Além disso, protesta-se acerca da falta de “interesse” do autor em realizar análises comparativas que permitiriam a generalização de seus dados e, portanto, a ampliação da compreensão das sociedades investigadas, que para Geertz são desaconselháveis, na medida em que o pesquisador deve restringir seu objeto para melhor aprofundá-lo.

Soma-se a essa primeira crítica aquelas que se referem à sua escrita, considerada por muitos acadêmicos como uma escrita literária, através da qual o antropólogo faria um uso abusivo de

inferências e de interpretações subjetivas. Além disso, as comparações literárias das quais Geertz dispõe em seu processo narrativo também são consideradas impróprias, por não se constituírem em metáforas e analogias apropriadas para a compreensão de conhecimentos científicos, como são os conhecimentos antropológicos (Reynoso, 1995).

Aliás, é em razão do uso da linguagem ordinária, mas que remete ao conhecimento erudito, como nas constantes menções que o antropólogo faz a obras literárias nem sempre conhecidas pela maioria dos leitores e, sobretudo, pelos próprios sujeitos de pesquisa, que a escrita de Geertz pode se considerada classicista. Trata-se de um discurso para iniciados, o que poderia de fato ser uma crítica consistente ao seu programa, se este último não tivesse justamente o intuito de alargar o discurso humano dentro e a partir de uma cultura, ordinária ou erudita, comum.

Na tentativa de refutar essas críticas, mostra-se necessário primeiramente definir o conceito de “descrição” e, depois, elucidar a proposta da Antropologia Interpretativa conforme compreendida por Geertz, o que esclarecerá a função do pesquisador no ambiente investigado e no processo de descrição densa, além de seu papel frente à cultura e à comunidade científica que ele mesmo representa.

As ideias, no sentido kantiano, resultam de um processo de racionalização acerca de objetos ou fenômenos que se opõem às percepções que estes mesmos objetos e fenômenos representados pelas ideias podem suscitar. Enquanto conceitos, as ideias têm o intuito de expressar algo que não pode ser visto senão através de uma determinada “categoria do olhar”, aquilo que anteriormente se denominou foco (Martins, 1997).

Em contrapartida à ideia como conceito, que é o substantivo, Martins (1997) evoca a existência de conceitos descritivos, adjetivos, que caracterizam, classificam e/ ou expressam a natureza essencial das coisas e que são intermediados pela percepção.

Os conceitos descritivos servem para descrever, verbo que, segundo o dicionário da língua portuguesa, significa “1- fazer a descrição de; narrar. 2- expor, contar minuciosamente”, enquanto

a descrição refere-se “ao ato ou efeito de descrever. 2- exposição circunstanciada feita pela palavra falada ou escrita” (Ferreira, 1986, p.554). Dessas definições, depreende-se que descrever envolve uma ação que é dirigida a alguém, um monólogo que parece assumir a forma de uma descrição a alguma pessoa que desconhece o seu conteúdo, pois, se esse interlocutor compartilhasse previamente do conhecimento de que trata a descrição, tratar-se-ia não de uma descrição em seu sentido substantivo, mas de um relato de experiência (Martins, 1997).

É condição *sine qua non* da descrição o local privilegiado daquele que descreve; ele tem acesso a dados e minúcias que permitem uma apresentação ou uma ampliação do entendimento do interlocutor, acerca do objeto da descrição:

O mérito principal de uma descrição não é sempre a sua exatidão ou seus pormenores, mas a capacidade que ela possa ter de criar uma reprodução tão clara possível para o leitor da descrição. Poderá haver tantas descrições de uma mesma coisa quantas sejam as pessoas especialistas que vejam essa mesma coisa. (Martins, 1997, p.56)

Nesse encaminhamento, é possível inferir que não existem descrições certas e descrições erradas, mas, antes, descrições boas ou más, mais completas ou menos completas. Não há lugar para o verdadeiro em oposição ao falso em uma descrição, pois toda descrição se dá de forma afirmativa, parte de uma positividade.

A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem pertencem. Existem enormes dificuldades em tal empreendimento, abismos metodológicos que abalariam um freudiano, além de algumas perplexidades morais. Esta não é a única maneira de se lidar sociologicamente com as formas simbólicas. O funcionamento ainda vive, e o mesmo acontece com o psicologismo. Mas olhar essas formas como “dizer alguma coisa sobre

algo”, e dizer isso a alguém, é pelo menos entrever a possibilidade de uma análise que atenda à sua substância, em vez de fórmulas redutivas que professam dar conta dela. (Geertz, 1978, p.321)

Tendo discutido a questão da descrição a partir de uma breve análise semântica, colocou-se em evidência o papel ao mesmo tempo privilegiado e particular que ocupa o investigador que se propõe à tarefa descritiva. Por mais asséptica que seja sua descrição e por mais que ela tente corresponder *ipsis litteris* a uma determinada situação ou cenário previamente observado, e quiçá documentado, ela só pode se realizar enquanto substantivo à medida que comunica, narra algo que o interlocutor desconhece. Por essa razão, as descrições são sempre fadadas a questionamentos, sobretudo acerca de o quanto elas de fato representam uma realidade.

A questão da subjetividade do olhar do pesquisador, que é sempre focado, aliada às contingências impostas pela identidade textual do autor que se deixam entrever, inclusive através da linguagem científica (já que os conceitos implicados na linguagem canônica da qual faz parte a linguagem científica implicam uma escolha e posicionamento teórico adotado pelo pesquisador), dá origem à segunda fonte de controvérsias acerca da Antropologia Interpretativa de Geertz. Aqui, faz-se referência à escrita literária, considerada incompatível com a linguagem científica (Reynoso, 1995).

A descrição densa é produto de uma experiência intercultural vivida pelo observador e deriva, portanto, de percepções subjetivas e intersubjetivas. Aqui se aponta para o fato de que o pesquisador estabelece comunicação interpessoal tanto com os sujeitos de sua pesquisa, membros de outra cultura, quanto com seus pares no âmbito acadêmico, e essas comunicações são de naturezas diferentes, na medida em que compartilham de códigos corporais e de significados linguísticos distintos.

A primeira necessidade do pesquisador é justamente estabelecer essa comunicação e se apropriar desses códigos a fim de aprofundar a sua interpretação acerca dos eventos observados. Sem esses códigos, a descrição não faria nenhum sentido. É justamente a busca

de significado que diferencia a descrição densa de outras abordagens metodológicas de pesquisa, motivo pelo qual ela comporta estratégias narrativas e recursos linguísticos como as transferências metafóricas, as analogias e as comparações literárias.

Para Geertz (1978; 2008), todas as formas de arte expressam a complexidade e a similaridade de certas experiências humanas universais, com as quais a maioria das pessoas pode se identificar, como o medo, a paixão, a dor etc. Proclamá-las certamente é um desafio ao pesquisador, motivo pelo qual Geertz adverte que “qualquer forma expressiva atua desarrumando os contextos semânticos” (Geertz, 1978, p.315). A descrição densa não é uma imitação, uma representação ou uma expressão de determinada cultura. Trata-se mais de um exemplo que objetiva aprofundar a compreensão de sua natureza interna.

A Antropologia Interpretativa, conforme proposta por Geertz, está mais centrada “no refinamento do debate” do que na busca de um consenso. Esse refinamento, por seu turno, repousa na capacidade do pesquisador de aprofundar tanto sua descrição quanto a interpretação. Ou seja, ao mesmo tempo que Geertz, em seus relatos, imerge em uma nova cultura, ele não se coloca no lugar dos sujeitos observados, como, por exemplo, do nativo, pois ele não tem a pretensão de identificar-se com ele e sim, de dialogar com o nativo enquanto representante de sua própria cultura.

Enfim, Geertz compreende muitas das críticas que lhe são endereçadas, e que se buscou contemplar nestas páginas. Em seus ensaios, ele se mostra atualizado a respeito dos debates acadêmicos que buscam um consenso metodológico, alerta sobre os limites de sua descrição densa e, em prosa, seduz o leitor a compartilhar suas viagens. Sua convicção, inabalável, acerca do método mostra-se fundamentada teoricamente, e a descrição densa tem enriquecido tanto as pesquisas etnológicas mais recentes quanto o desenvolvimento da história nova.

No cenário brasileiro, e mais especificamente no rol das pesquisas qualitativas em Educação, pouco se conhece acerca do Programa da Descrição Densa e dos aportes teórico-metodológicos

que ela oferta ao pesquisador que busca privilegiar a observação enquanto técnica de coleta de dados. Ora, se o objetivo das pesquisas qualitativas é justamente o aprofundamento do conhecimento em detrimento de sua quantificação, os elementos ofertados pela observação podem e devem ser explorados com mais liberdade pelo pesquisador, que deve poder descrever em vez de transcrever uma determinada realidade observada.

A cultura acadêmica tem buscado utilizar a referida técnica como um dos subsídios de pesquisa que deve ser complementado por técnicas outras como a entrevista e/ou a aplicação de questionários (Gil, 1999; Minayo, 2000; Ludke; André, 1986). Nesse encaminhamento, a observação tem sido preterida justamente por ofertar dados que, se no Programa da Descrição Densa constituem o núcleo da descrição, muitas vezes são considerados incompatíveis com a escrita e o próprio conhecimento científico.

Enfim, este capítulo teve por objetivo apresentar os fundamentos do Programa da Descrição Densa, com o intuito de alargar o conhecimento do leitor acerca dessa abordagem etnológica de pesquisa. Além disso, pretende instigar a reflexão, por parte desse mesmo leitor, acerca do alcance e da possibilidade de utilização dos referidos fundamentos em pesquisas de cunho qualitativo aplicadas à Educação em tempos vindouros.

Nos próximos capítulos serão apresentados os resultados de pesquisa que, em continuidade à leitura até aqui realizada, visa ser a concretização, o produto final da utilização do Programa da Descrição Densa para o alargamento da compreensão das dinâmicas e contingências intrínsecas ao processo de ensino e aprendizagem em anatomia humana.